

NO ALTO DAS MONTANHAS POR UMA RAVINA PROFUNDA
DENTRO DO MEU BLOCO MACIÇO, FECHADO, SOZINHO –
MAS DEPOIS TRAZIDO PARA BAIXO E DESPOJADO, SOU AGORA VISTO
CONTRA A MINHA VONTADE E INDIGENTE DE PEDRA.

Michelangelo

João Cutileiro referia-se frequentemente a este poema ao falar do seu processo criativo. Para Michelangelo, a escultura estava dentro do bloco de mármore à espera de ser libertada pela mão do artista e, no poema, gracejava que bastava atirar a pedra por uma montanha abaixo para que o excesso fosse naturalmente retirado, mesmo contra a sua vontade. Cutileiro concluía a sua história dizendo que ele viria atrás do bloco apanhando os restos e faria a sua obra juntando esses fragmentos. Cutileiro trabalhava a partir do desperdício proveniente das pedreiras.

De alguma maneira podemos ler toda a história da escultura, talvez mesmo toda a história da arte, a partir deste gesto: do apanhar os destroços das gerações anteriores e voltar a erguê-los de outra forma, com outras perspetivas, em especial com outras intenções e objetivos. Se o tempo é uma invenção humana, uma construção que nos ajuda a diferenciar o presente do passado, esta exposição vem mostrar que estes diferentes tempos comunicam e fluem entre si.

A exposição teve como início o desejo de Teresa Segurado Pavão prestar homenagem a João Cutileiro. Uma homenagem ao artista e ao amigo que tanto admirava. Teresa Segurado Pavão visitava frequentemente o atelier de Cutileiro, e da mesma forma como este se maravilhava com os restos das esculturas de Michelangelo, Segurado Pavão fascinava-se com os excedentes das obras de Cutileiro.

Os fragmentos são um elemento central na obra de Teresa Segurado Pavão, espoletam a sua imaginação, ao mesmo tempo que carregam memórias, histórias e vidas antigas. A partir de pequenos objetos - restos de esculturas, cacos de faiança e de porcelana, pedras, ossos, fios, conchas, marfins de um velho piano – e, num diálogo íntimo e profundo, a artista constrói as suas obras integrando os fragmentos através de sulcos, reentrâncias, relevos, furações. Recorre também a elementos metálicos, neste caso o ferro, aludindo às estruturas das esculturas de Cutileiro.

João Cutileiro, e depois Margarida Lagarto, juntavam caixas com ‘restos’, desperdícios das obras do escultor que ofereceram à ceramista. Daqui resultou a série de trabalhos que é aqui apresentada pela primeira vez em diálogo com um importante grupo de esculturas de Cutileiro.

Há uma proximidade natural entre o barro e a pedra. Ambos são materiais minerais, mas em estados diferentes. Teresa Segurado Pavão escolhe trabalhar com barro branco por se aproximar a uma folha de papel imaculada à espera de ser intervencionada pelo artista. Escolhe também finalizar as suas obras na roda do oleiro, para que a manualidade que é habitual nas suas peças seja substituída por um aspeto mais mecânico, como Cutileiro terminava as suas esculturas no torno. Utiliza ainda o ferro para as ligações entre a pedra e a cerâmica (agrafos, espigões, prisões) como o escultor estruturava as suas obras.

Esta é uma exposição sobre fragmento, memória e escultura. Talvez mais do que uma simples exposição, é um projeto de afetos e de homenagens.

Filipa Oliveira